

6

Discurso na cerimônia de assinatura de atos que restabelecem as concessões outorgadas à fundação metropolitana paulista para a exploração dos serviços de radiodifusão sonora na cidade de São Paulo, por intermédio da Rádio 9 de Julho

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 9 DE JULHO DE 1996

Senhor Cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, companheiro e amigo; Senhor Cardeal Arcebispo de Brasília, Dom José Freire Falcão; Senhor Ministro Sérgio Motta, das Comunicações; Senhores Ministros que estão aqui presentes; Senhores Líderes do Governo e Líderes Partidários; Senhores Parlamentares; Senhoras e Senhores;

Dom Paulo, da forma mais expressiva possível, citando Musset, mostrou o significado deste gesto – que não é meu, é nosso – que o Ministro Sérgio Motta qualificou como simbólico.

Na verdade, nós, hoje, vivemos um momento de volta da esperança, não por ser eu Presidente, Dom Paulo, mas por termos um povo que foi capaz de suportar tantas dificuldades e que não perdeu o rumo nem perdeu a crença; não perdeu a sua fé na democracia, no respeito aos direitos do homem e na capacidade de o Brasil se recuperar de desvios, que foram graves, mas que hoje devem estar jogados ao olvido – não no sentido de não relembra-los aqui e ali, para que não se repitam, mas no sentido de que não se formem mais esses desvios, não façam mais parte de uma ameaça futura. Hoje, nós temos confiança –

não é só esperança, nós temos confiança – porque estamos vendo um povo e um país que, efetivamente, renascem com força.

A Rádio 9 de Julho, quando foi violentamente tirada das mãos da Fundação Metropolitana – portanto, da Igreja Católica –, aparecia como se fosse uma ameaça. Dom Paulo falou em francês, eu posso dizer em latim: “*O tempora, o mores!*”

Assim se pensava naquela ocasião. Eram esses os costumes, era um tempo horrível, um tempo em que utilizar a rádio para clamar pela justiça parecia uma ameaça. Hoje, vivemos outro clima, um clima de liberdade. Há clamores de todo tipo, cada um julgará se são justos ou se são injustos; mas nenhum deles nos parece ameaça. Não há de ser calando a voz dos que protestam que se avança num país. Não há de ser diminuindo a capacidade de difusão das idéias que se poderá formar uma nação. É o contrário. Como disse o Ministro das Comunicações, é dando mais acesso, é permitindo o debate democrático – sempre dentro da lei, sempre – mas o debate mais amplo possível.

No caso da 9 de Julho, tenho certeza de que não só eu, mas também o Governador de São Paulo – especialmente porque isso feriu a todos nós, em São Paulo, e por isso o Governador Mário Covas, democrata, lutador, está aqui hoje – sentimos que a Rádio 9 de Julho tem esse significado de uma recuperação, de uma dimensão de liberdade, da recuperação de uma dimensão de crença no País.

O Ministro Motta disse que não era fácil. Nada é fácil, tudo requer paciência e persistência. Aliás, Dom Paulo é mestre em matéria de paciência e de persistência. Aprendi muito com ele nos anos difíceis em que Dom Paulo organizava a Pastoral do Trabalho, em que nos reuníamos freqüentemente lá na Av. Higienópolis, na Cúria. Quase não havia esperança, mas Dom Paulo nunca se desesperou. Sou e serei sempre grato a ele, porque, também num momento muito difícil, até pessoalmente, quando jogaram uma bomba no centro de pesquisas onde eu trabalhava, por causa de um livro que fizemos sob os auspícios de Dom Paulo, ele foi dos primeiros, em plena ditadura, a fazer-nos uma visita para mostrar que não tinha medo, nem medo de bombas de verdade, quanto mais das bombas verbais da-

queles que começavam a vociferar contra as liberdades. E sempre com paciência e persistência.

Eu estava ao lado de Dom Paulo quando ele, em outra cena, na Catedral de São Paulo, clamou contra o derramamento de sangue dos irmãos, na morte de Vladimir Herzog. Assisti a Dom Paulo tomar a decisão corajosíssima de fazer uma solenidade ecumênica no momento em que – eu sei, como ele sabe também – as ameaças rondavam concretamente a nós. Naquele momento, sem perder a calma, Dom Paulo manteve firme a esperança.

De modo que, hoje, esse fato de estarmos juntos aqui nesta manhã, no 9 de julho, unidos com o pensamento em São Paulo e no Brasil e em Dom Paulo, é um momento que nos apraz, e apraz muito, porque é o momento em que o Brasil, hoje, está reconciliado, em que o Brasil, hoje, não tem mais marcas de discriminações de forma nenhuma. Fizemos hoje um novo momento.

Tenho certeza de que a Rádio 9 de Julho, neste novo momento, vai propiciar maior difusão de informações na área da saúde, na área da educação, na área cívica; e esse aumento das informações servirá à comunidade brasileira no seu todo.

O Ministro Motta disse que é nossa a decisão de abrir mão dos poderes discricionários do Presidente da República, que pode dar a quem quer, a quem queira, concessões de rádio e televisão. Estamos abrindo mão disso. E quantos me disseram: “Mas isso não cabe, Presidente. O senhor está abrindo mão de um recurso político.”

Esse recurso político não serve à democracia. Esse recurso político de o Presidente, arbitrariamente, dizer a quem vai dar uma outorga de rádio ou de televisão é o recurso que mina pela base a moral pública. Sempre haverá desconfiança de que a outorga foi feita num dá-cá-toma-lá. Será diferente. Já existem as regras, já foram mostradas ao Congresso, as concessões serão submetidas a avaliação pública, haverá critérios.

Nós não estamos na Presidência da República para manter estruturas: estamos na Presidência da República para, dentro da lei, mudar as estruturas. E é com esse espírito que estamos trabalhando. E,

se hoje quisemos transformar esta reunião numa reunião festiva, é porque, no caso da 9 de Julho, não estamos dando nada. Minhas mãos não são generosas. Tomara possam ser justas.

O que estamos fazendo hoje aqui é um ato de justiça. E, neste ato de justiça, também quero, aqui, juntar-me a todos os senhores, porque não é o Presidente quem está outorgando, é o Brasil que está recuperando, como disse Dom Paulo, a esperança. E nunca chegará tarde nem envelhecido: é um país jovem e com muita esperança.

Muito obrigado aos senhores.